

# A Ilha dos poetas

- Exposição sobre a ilha de Moçambique reúne poetas e fotógrafos

Por António Cabrita

**A** Ilha é uma matéria plástica amassada em sargaços, corais, siri-siri, nodosas figueiras-da-índia, palmeiras, m'iros nos rostos e inscrições poéticas na pedra, e enfeitada por uma boa onça de tempo psicológico.

É o que a torna resistente a todas as devassas: às devassas do tempo sobre os materiais – terríveis; às devassas dos costumes – ameaçadores (sobretudo agora que há sinais de clivagem por intolerância religiosa); às devassas de estar “entre” administrações (a de um país em crise e de uma Unesco a rondar a tosse convulsa); à devassa do mar e do clima – que erodem.

Certo é que mesmo diante do que nos é contado sobre a actual realidade da Ilha, a imagem desta persiste, como o peixe, numa flagrante insolubilidade.

Lembro-me de ter chegado à Ilha acautelado por mil vozes que me asseguravam a sua decadência e de, por algo de imaterial e de indefinível, ter concluído que, havendo embora alguma razão nas profecias de Cassandra, a aura do lugar se mantinha.

Chegar à Ilha de Moçambique é o equivalente de participar num casamento em que todos os preparativos foram desastrosos mas a cerimónia se revela uma festa capitosa. Deve assentar nisto o mito.

Talvez tenha razão António Sopa, ao ter escrito num artigo: *«A sua lenda quase mítica tem muito que ver com o património construído, único na costa moçambicana, e com a beleza do local e das suas mulheres. Este retrato começou a compor-se a partir das décadas de 50/60 do século XX, quando alguns escritores como Rui Knopfli e Virgílio de Lemos a visitaram.»* Contudo, o seu lastro é muito mais antigo e a sua genealogia é brutal: Camões, Tomás António Gonzaga ou Bocage lá padeceram, alimentados a siri-siri, de vãs expectativas, e dos setenta e cinco watts nos olhos das macuas.

Bastariam estas três figuras, mas no século XX juntar-se-ia mais uma dezena de testemunhos de bons escritores e poetas que por lá passaram.

Ainda há ano e meio, Carlos Morais José, no excelente romance que tem Camões no seu eixo, *O Arquivo das Confissões/ Bernardo Vasques e a Inveja*, localiza na Ilha de Moçambique o desvio, pelo invejo do protagonista, de um manuscrito inédito de Camões, aproveitando a cobiçade do vate.

Mais felizes, em tempos de menor avareza, os contactos de inúmeros poetas e fotógrafos do século XX com a Ilha.

É esta a matéria que alimenta a exposição patente no Camões – Centro Cultural Português em



Maputo e que se prolongará até dia 30 de Março.

Com curadoria de Nelson Saúte, a exposição foi bem estruturada.

No átrio que antecede a sala grande de exposições, recebem-nos três inscrições, no chão e na parede do nicho redondo que aí se encontra e cujo capricho arquitectónico foi estupendamente aproveitado para ser transformado em gabinete acústico; no qual, sentados, podemos ouvir a voz de Mbaté Pedro lendo a prosa poética de Eduardo White decalcada na parede curva. Estas três inscrições – a de White, mais as de Knopfli e de Virgílio de Lemos que se lhe antecederam – dispõem-se como ilhas no contraste do branco do chão e das paredes, que então adquirem o valor expressivo de um extenso mar.

Lê-se na de Knopfli: *«O sol/ tomba sobre as coisas/ ferindo-as de mansi-*

*nha/ com a luz da eternidade»*. E fica o mote lançado, é esta luz da eternidade aquela que tentaram captar os inúmeros fotógrafos aqui reunidos: Moira Forjaz, Mariano de Carvalho, Martinho Fernando, João Costa /Funcho, Ricardo Rangel, Sérgio Santimano e José Cabral. Apesar do conjunto ser bom, quer como documentos, quer esteticamente, talvez destacasse na exposição três fotografias que me parecem superlativas e são precisamente as que fecham (em alta) a exposição: a 14, a 15 e a 16, respectivamente, Bibinha e o seu modelo, de Santimano, o retrato sem título de Moira Forjaz de uma mulata maça que se apearla no seu meio espelho, e a de José Cabral – que aliás faz parte de um ciclo do fotógrafo que mereceria por si só uma publicação.

Quanto aos poemas escolhidos

e dispostos na parede, alternadamente em relação às fotos, assinam-nos: Camões, Tomás António Gonzaga, Alberto de Lacerda, Glória de Sant'Anna, Luís Carlos Patraquim, Virgílio de Lemos, José Craveirinha, Mía Couto, Calane da Silva e Luís Filipe Castro Mendes, o actual Ministro da Cultura português.

A Nelson Saúte coube naturalmente o texto de abertura e enquadrador.

Na mesa onde se estende o famoso poema de Sena mostram-se vários e deliciosos postais antigos, catados no Arquivo Histórico. Num deles, mostra-se a Capela de S. António, com a legenda: *Actual paiol de pólvora*. Este postal podia bem ser a metáfora do equívoco valor de uso com que a Ilha foi durante tanto tempo administrada, em vez de ser realmente investida como uma verdadeira reserva simbólica e cultural. Contudo, a recente entrada em cena da Universidade Lúrio, de Nampula, que abriu na Fortaleza um polo universitário, virá com certeza a mudar este cenário.

Os novos poetas é que continuam a não esquecer o capital simbólico da Ilha, como se depara no livro *Mesmos Barcos de Sangare Opaki: «Eis o que sou: Ilha/ ou corpo cercado/ de gente/ por todos os lados»*, que tem vários poemas dedicados à mesma.

Como complemento da exposição refira-se ainda que, na sala de entrada que antecede a sala maior de exposições, somos convidados a

assistir a uma instalação em vídeo que se intitula *Por detrás de uma Performance: o Tufo da Mafalala* (o Tufo é uma dança local), da autoria de Pedro Rebelo, Matilde Meireles e Inigo Sánchez, três artistas-pesquisadores do campo de artes sonoras e antropologia da *Queen's University Belfast*. Cito: *«Através de um processo colaborativo de entrevistas, gravações de campo, vídeo e fotografia, Por detrás de uma performance a bordo a prática artística do Tufo, designadamente a sua preparação e significado social, mas também as vivências do grupo de mulheres makhuswas que constitui e dinamiza o Grupo de Tufo da Mafalala. Articulando diferentes formas de saber (tradicional, científico, artístico), a peça aqui apresentada como instalação ambiciona gerar um espaço de reflexão sobre o Tufo em diferentes dimensões, entre as quais os contextos espaço-temporais e as perspectivas de futuro»*.

Sublinhe-se a inteligência da opção de se construir uma “caixa” revestida de esteiras e capulanas para, dentro dela, assistirmos à performance e ouvirmos as entrevistas, pois estamos isolados no escuro, naquela “bolha”, não apenas nos concentra e aumenta os índices de empatia, como nos “ilha” – ou seja, somos transportados inconscientemente para o espaço da ilha que a dança daquelas mulheres resgata e consagra.

Uma exposição que merece uma visita.

## Noite de guitarra no Campus da UEM

**A**BDQ Concertos e os seus parceiros Vodacom e o Banc ABC apresentam, sexta-feira, 2 de Março, pelas 20:00h, no Campus da Universidade Eduardo Mondlane, a II edição da Noite de Guitarra, integrada no projecto sócio-cultural Moments of Jazz.

Richard Bona, Ernie Smith, Jimmy Dluclu e Albino Mbie são os artistas convidados para abrilhantar mais uma noite que se augura suprema dada a qualidade e o virtuosismo dos guitarristas que vão dar corpo o primeiro espectáculo de Moments of Jazz 2018.

Os músicos, que irão dar corpo à Noite de Guitarra II, têm créditos firmados na arena internacional e acumularam já vários prémios



Richard Bona é um dos artistas que o público quer ver

como resultado dos excelentes discos que já produziram e colocaram à disposição do público.

Richard Bona, camaronês, é um baixista de jazz. Nasceu numa família de músicos. Seu avô era um contador de histórias e cantor tradicional da cultura oeste-africana e percussionista, e sua mãe era uma

cantora. O seu talento espalhou-se rapidamente e ele é convidado com frequência para festivais e cerimónias. Ernie Smith é um guitarrista sul-africano de créditos firmados na arena da música internacional. Os seus discos são sempre uma referência quando o assunto é Jazz de inspiração africana. Jimmy Dlu-

clu, outro moçambicano de créditos internacionalmente reconhecidos, também dará o seu concerto. Todos os seus discos ganharam prémios internacionais. Jimmy é sem dúvidas um dos maiores guitarristas dos nossos tempos. Albino Mbie, moçambicano de gema, estudou na famosa Berklee College of Music em Boston, EUA. O seu primeiro disco foi premiado nos EUA e o tema *Awusiwana* ganhou o prémio para Cantor Revelação no Ngoma Moçambique.

Todos os artistas serão acompanhados pelas respectivas bandas, o que garante um espectáculo de grande qualidade. A produção do Moments of Jazz está a reunir todas as condições para que o concerto tenha todas as condições técnicas indispensáveis para tornar o Noite de Guitarra II memorável. *A.S.*